

ALMEIDA, Roberto Schmidt de; ABRANTES, Vera Lucia Cortes. O pensamento científico dos pioneiros do IBGE. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C., P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 416-420. (ISBN 85-904198-1-9)

## O PENSAMENTO CIENTÍFICO DOS PIONEIROS DO IBGE

Roberto Schmidt de Almeida;  
Vera Lucia Cortes Abrantes\*

*Resumo – Este projeto tem por objetivo preservar a memória da Instituição, criando um conjunto de informações biobibliográficas de cinco fundadores do IBGE, que estruturaram as áreas de Estatística, Geografia e Geodésia / Cartografia, dessa maneira facilitando a busca de informações sobre a história da instituição, disponibilizando biografias, documentos históricos, textos técnicos, depoimentos orais e iconografias desses profissionais, e otimizando a recuperação dos dados, através de um sistema automatizado e dinâmico, que utiliza os recursos de multimídia da rede Internet para o acesso às informações. Em termos metodológicos, dois caminhos deverão ser seguidos. O primeiro, consiste no levantamento e armazenamento do material biográfico desses fundadores e o segundo, no processo de disponibilização desse material na rede Internet, através de programas de computador que viabilizem a estruturação desse sistema de informações, tais como edição de imagens estáticas (fotos e documentos digitalizados) e dinâmicas (vídeos e filmes) e inserção de som, quando houver.*

Ao referenciar-se à área de divulgação de informações do IBGE, no contexto do Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI, subordinada diretamente ao Departamento de Atendimento Integrado - DEATI, encontra-se a Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais - GEBIS, que tem como função principal atuar como interface entre o documento/informação e o usuário. Entre outras atribuições, cabe a Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais identificar e recuperar registros institucionais, com vistas a preservar e disseminar a história do IBGE ao longo de sua existência. Esta documentação de memória institucional, marca a evolução do IBGE desde sua criação, comportando extremo significado como acervo histórico.

Neste contexto, ressalta-se a criação de um conjunto biobibliográfico de cinco dos principais

\* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), CDDI Memória Institucional, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [rschmidt@ibge.gov.br](mailto:rschmidt@ibge.gov.br) e [almeidar@br.inter.net](mailto:almeidar@br.inter.net); [veracortes@ibge.gov.br](mailto:veracortes@ibge.gov.br) e [vera.cortes@skydome.net](mailto:vera.cortes@skydome.net).

profissionais que atuaram no processo de organização e estruturação inicial do IBGE, imprimindo diferentes corpos de pensamentos científicos que orientaram as pesquisas das três principais áreas de atuação do Instituto: Estatística, Geografia e Geodésia/Cartografia.

A Estatística, abrangendo tanto a composição da rede de coleta de dados nas unidades da federação e seus respectivos municípios, quanto o campo teórico da demografia. Nessa área, destacaram-se Mário Augusto Teixeira de Freitas e Giorgio Mortara. O primeiro, como organizador do sistema de coleta de dados estatísticos do país no qual, o município passou a ser o principal núcleo de geração de informações. O segundo, como o introdutor dos modernos métodos da ciência estatística que garantiram um alto nível de acurácia nas pesquisas da Instituição.

Das inúmeras experiências realizadas no governo de Vargas, as que tiveram maior notoriedade foram a de criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) em 1938 sob a orientação de Luís Simões Lopes, conforme nos esclarecem Mariani e Flaksman, no *Dicionário histórico-biográfico brasileiro* (BELOCH & ABREU, 1984), e a do Instituto Nacional de Estatística em 1934/1936, agência embrião do IBGE, organizado por Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Desses grandes articuladores, provavelmente o que combinava a maior visão de futuro com o mais alto grau de experiência de gerenciamento de informações territoriais, adquirida ao longo dos anos 20 em Minas Gerais, era Mário Augusto Teixeira de Freitas, Delegado Geral do Recenseamento do Estado de Minas e criador de um eficiente sistema de gerenciamento de informações que cobria todos os municípios do território mineiro. Sua atuação foi tão inovadora, que em 1930 recebeu convite para, no dia 12 de outubro, na 1ª Conferência Nacional de Estatística apresentar suas 33 teses sob a denominação “Algumas novas diretrizes para o desenvolvimento da estatística brasileira” (FREITAS, 1994).

Tal apresentação não se realizou em virtude dos acontecimentos que culminaram com o Golpe de Estado em outubro de 1930, mas a figura de Teixeira de Freitas ficou claramente marcada nas mentes de alguns responsáveis pelos novos destinos do Estado brasileiro, como no caso do militar Juarez Távora, ministro da Viação em 1930 e da Agricultura entre 1932 e 1934 e Francisco Campos, ministro da Educação e, posteriormente, da Justiça no regime de Vargas.

As articulações entre Teixeira de Freitas, Juarez Távora e Francisco Campos durante os primeiros anos da década de 30, geraram ações de grande importância para a criação de um sistema de planejamento centrado no gerenciamento de informações coletadas junto aos municípios. Essas informações englobariam um amplo leque que cobriria características físicas e ambientais, geodésico-cartográficas e estatísticas as mais diversas, abrangendo a produção, circulação e consumo, a infraestrutura econômico-social e o aparelho de estado em todas as suas instâncias. Juarez Távora em suas memórias (TÁVORA, 1974, pp. 96-98) explicou com clareza esse processo de aproximação entre suas necessidades de possuir um sistema estatístico de produção agrária e as idéias mais abrangentes de uma agência estatística nacional sonhada por Teixeira de Freitas.

A experiência de Teixeira de Freitas foi adquirida em Minas Gerais, através de seu modelo de gerenciamento que centralizava fortemente as decisões operacionais nas mãos de um supergerente, mas que durante o processo de normatização das informações, era democraticamente partilhado pelos produtores e usuários dos dados a serem coletados. A participação de representantes das diversas secretarias estaduais e mesmo de delegações da esfera municipal de grandes cidades garantia uma ampla aceitação de seu modelo, além de consolidar uma estrutura de eficiência, pois praticamente todas as instâncias do governo ficavam comprometidas com o projeto.

Foi este projeto de superagência de informações denominado *Instituto Nacional de Estatística*, que abrangeria a totalidade do território nacional em quase todos os aspectos, um dos principais fatores de coesão do governo Vargas. Sua estrutura de representações que contemplavam todas as instâncias de governo, caracterizava o que podemos definir como *Agência do Poder Central Capilarizada*, isto é, um órgão de informações diretamente subordinado ao Gabinete da Presidência da República e com

alcance até a instância municipal, mas com uma importante característica, as decisões sobre suas estratégias de ações eram tomadas de forma colegiada num *Conselho Superior de Estatística*.

Apenas para fins de comparação, as agências do Departamento de Correios e Telégrafos também apresentavam alta capilaridade, mas não possuíam tal representatividade junto ao poder central.

Para dar sustentabilidade científica a este projeto estatístico, foi convidado o italiano Giorgio Mortara, um dos mais importantes pesquisadores de ciências estatísticas da Itália do início do século XX, que havia caído em desgraça com a ascensão do fascismo de Benito Mussolini na segunda metade dos anos trinta. A tarefa de Giorgio Mortara foi organizar a Comissão Censitária para as atividades do Censo de 1940 e iniciar uma série de estudos sobre o movimento da população brasileira. Estabelecendo estimativas mais precisas sobre o número e a frequência dos nascimentos e dos óbitos; montando tábuas de mortalidade e sobrevivência, tábuas de fecundidade, além de outros estudos metodológicos na área de demografia. Foi, também, o principal formador da primeira turma de demógrafos do IBGE, profissionais que mais tarde tornaram-se os líderes da estatística demográfica brasileira (MORTARA, 1985).

A segunda área de atividade foi a Geografia, que cobriu atividades, tanto no campo de reconhecimento físico e econômico do território nacional, quanto no segmento de regionalização dos espaços, nas diferentes escalas macro, meso e micro, procedimentos subsidiadores do planejamento territorial de um país. Os dois profissionais que mais se destacaram nos primeiros anos de implantação do IBGE foram Christovam Leite de Castro, primeiro Secretário-Geral e principal organizador do Conselho Nacional de Geografia, e Fábio de Macedo Soares Guimarães, especializado em regionalização do Brasil e um dos mais importantes geógrafos da Instituição.

A importância de Christovam Leite de Castro se deve ao seu poder de articulação entre a estatística econômica e a visão espacial adquirida em sua experiência anterior na Diretoria de Estatísticas Territoriais do Ministério da Agricultura. Foi de sua responsabilidade a estruturação dos procedimentos técnicos de criação da legislação cartográfica municipal (Decreto-Lei nº 311 de 1938 ou Lei Geográfica do Estado Novo), que recomendava a ordenação da toponímia municipal evitando duplicidade de nomes, estabelecia a regulamentação para os limites espaciais e obrigava todo município a organizar seu mapa municipal que serviria de base para as operações censitárias (estabelecimento dos setores censitários que orientam o trabalho de coleta de dados pelos recenseadores), além de definir níveis mínimos de quantidade de população, de desenvolvimento econômico/financeiro e tributário para que um determinado espaço do país pudesse se organizar como município.

Também sob sua orientação, organizou-se pesquisas para determinação dos possíveis sítios do futuro Distrito Federal no interior do Brasil, assim como, estudos levados a efeito no final da década de 40 por duas grandes equipes de geógrafos, sendo uma chefiada pelo professor francês Francis Ruellan, que contava com técnicos do IBGE e alunos da Universidade do Brasil e outra comandada pelo professor alemão Leo Waibel composta exclusivamente por geógrafos do IBGE. Do leque de áreas trabalhadas por essas equipes foi escolhida pelo governo federal a área do Planalto Central, no sudeste de Goiás, onde atualmente está situada a capital Brasília (CASTRO, 1947).

Fábio de Macedo Soares Guimarães, que iniciou sua formação acadêmica como engenheiro (a mesma formação inicial de Christovam Leite de Castro) e que, juntamente com Christovam, fez parte da primeira turma do curso superior de Geografia do Rio de Janeiro, criado na Universidade do Distrito Federal por Pierre Deffontaines e que em 1938 foi transferido para a Universidade do Brasil, montada pelo Ministro da Educação do Estado Novo, Gustavo Capanema.

Fábio especializou-se em geografia regional e foi com seu trabalho de pesquisa sobre o processo de regionalização brasileiro que o governo federal instituiu oficialmente as macrorregiões do país, no início dos anos 40. Espaços regionais, tanto de planejamento estatal, quanto de referência geográfica para a sociedade, pois serviram de base para as apresentações dos dados demográficos e econômicos

do IBGE (GUIMARÃES, 1941).

Foi também com o auxílio de Fábio que o IBGE iniciou os trabalhos geográficos de análise regional no Vale do Rio São Francisco em convênio com a antiga Superintendência de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Trabalho que inaugurou uma linha de diagnósticos de cunho ambiental e socioeconômico que viriam, na década de 50, subsidiar a ampliação, na Instituição, dos diversos campos da geografia sistemática, ou seja, geografia urbana, geografia agrária, geografia industrial, geografia dos transportes, climatologia, e outros.

A terceira área é composta pelo binômio Geodésia/Cartografia, que nos primeiros anos de estruturação estava ligada a Geografia, tanto nos seus aspectos teóricos, quanto no campo de implementação de tecnologias que visavam ampliar a precisão das representações cartográficas da Instituição. O profissional responsável por esta área foi o engenheiro e astrônomo Allyrio Hugueney de Mattos, também professor da Escola Nacional de Engenharia e astrônomo do Observatório Nacional.

Allyrio foi o estruturador da campanha de “Determinação das Coordenadas das Cidades e Vilas”, isto é, determinar através de observações astronômicas e cálculos, o ponto onde se cruzam as linhas imaginárias de latitude e longitude que localizam o centro de uma área urbana (geralmente a praça da igreja ou da prefeitura). Este foi o primeiro projeto do IBGE na área, abrangendo a escala nacional. É importante lembrar que esta campanha foi um dos pré-requisitos para o planejamento do Censo Demográfico de 1940, pois os municípios puderam mapear seus respectivos territórios com um mínimo de precisão, para cumprirem o Decreto-Lei nº 311 de 1938.

Do mesmo modo como se organizou a rede de coleta estatística, a rede geodésico-cartográfica do IBGE também se valeu dos recursos humanos dos respectivos estados, que foram recrutados e formaram os primeiros núcleos de levantamentos geodésicos distribuídos pelo território nacional.

Portanto, esse grupo de cinco profissionais pioneiros da casa, é uma das muitas combinações possíveis para caracterizar esses tempos heróicos de estruturação do IBGE.

Este projeto tem por objetivo preservar a memória da Instituição, criando um conjunto de informações biobibliográficas dos seus pioneiros; facilitar a busca de informações sobre a história do IBGE, disponibilizando as biografias, documentos históricos, textos técnicos, depoimentos orais e iconografias desses profissionais; e otimizar a recuperação dos dados, através do desenvolvimento de um sistema automatizado e dinâmico de acesso às informações, utilizando os recursos de multimídia da rede Internet.

Em termos metodológicos, dois caminhos deverão ser seguidos. O primeiro, consistindo no levantamento e armazenamento do material biográfico desses fundadores, tais como, livros, artigos técnicos, fotografias, documentos históricos; registros em mídia magnético-ótica, analógica e digital que comporte informações sobre esses profissionais; objetos tridimensionais referentes às atuações desses fundadores (ferramentas de trabalho) e que os homenageiam (medalhas, monumentos). O segundo, no processo de disponibilização desse material na rede Internet, através de programas de computador que viabilizem a estruturação desse sistema de informações, tais como edição de imagens estáticas (fotos e documentos digitalizados) e dinâmicas (vídeos e filmes) e inserção de som, quando houver.

Levando-se em consideração que a totalidade desse material encontra-se nos arquivos da instituição, a fase atual do projeto é a de seleção e sistematização desses documentos. Em paralelo, está sendo realizada a digitalização da documentação já selecionada, com vistas à inserção na rede Internet.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária / FGV/CPDOC / FINEP, 1984. V. 3.
- CASTRO, Christovam Leite de. A mudança da capital do país á luz da ciência geográfica. *Revista Brasileira de Geografia* **9** (2): 279-285, abr./jun. 1947.
- FREITAS, Mário Augusto Teixeira de. Teses estatísticas. In: TEIXEIRA DE FREITAS, *Pensamento e ação*. Rio de Janeiro: IBGE, 1994. Pp.17-76 (Documentos para disseminação. Memória Institucional, n. 1).
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. Divisão regional do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia* **3** (2): 318-373, abr./jun. 1941.
- MELLO, Mauro Perira de. Cinquenta anos de IBGE: a Geodésia e a Cartografia (1936-1986). *Revista Brasileira de Cartografia* **40**: 62-67, jul. 1986.
- MORTARA, Giorgio. *Publicação comemorativa do centenário de nascimento*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.
- TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*. Vol. 2. *A Caminhada no Altiplano*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.